

Índios atacam e tomam posto de mineradora

Atrito entre os Waimiri-Atroari e a Paranapanema é falta de pagamento pelo uso de estrada dentro da reserva

Manaus - Um grupo fortemente armado de 110 guerreiros waimiri-atroari invadiu anteontem, no final da tarde, o posto de segurança da mina de cassiterita em Pitíngá, no município de Presidente Figueiredo, norte do Amazonas, 110 km ao norte de Manaus. A mina, maior produtora de cassiterita (minério de estanho) do mundo, pertence à Paranapanema. Com ela desativada, o Brasil teria que importar esse metal. Os índios querem um reajuste no valor do pedágio _ já acertado com a mineradora _ pela passagem do minério pela estrada que atravessa a reserva indígena.

Com a invasão do posto de segurança, os waimiri-atroari, que somam 705 índios distribuídos numa reserva de 2,58 milhões de hectares, radicalizaram a posição que vinham mantendo desde domingo (06). Nesse dia, eles bloquearam a estrada de escoamento de minério, de 45 quilômetros de extensão que liga a mina à BR-174 (Manaus-Boa Vista), que passa pelo meio da reserva. Os waimiri-atroari

fecharam a estrada de terra com troncos de árvores e ameaçavam disparar com seus grandes arcos feitos de pau-brasil e flechas de ponteira metálica, os que ousassem furar o bloqueio.

A principal área de atrito entre os waimiri-atroari e a Paranapanema, é o pagamento pelo uso da estrada de escoamento do minério. Os índios querem que a empresa lhes dê um caminhão de minério para cada 200 carregamentos que saem mensalmente da mina. A empresa que pertencia à família Lacombe e foi vendida a fundo de pensão não concorda. Ricardo Dequech, diretor de divisão de estanho da Paranapanema, disse que esse pagamento pode levar a empresa, que tenta recuperar-se economicamente, de volta à operação no vermelho.

Na vila mantida pela Paranapanema no local moram 3 mil pessoas, incluindo crianças, filhos dos funcionários. O Estado foi o único jornal que, com a concordância da liderança dos índios e a segu-

rança da empresa, separadas por uma cautelosa distância de três quilômetros, conseguiu entrar na sede da mineradora e falar pessoalmente com seus diretores.

Um engenheiro com esposa e filhos morando na vila, estava muito tenso, com medo de que os líderes pudessem perder o controle sobre o grupo de guerreiros e eles invadissem a área de moradia. Se isso acontecer, considerava ele, "teremos que nos defender e nem sei o que poderá acontecer".

Na outra ponta da estrada, um dos 14 líderes waimiri-atroari, Mário Parwe, garante que sem o pagamento não haverá acordo e "se a empresa quiser, pode ir embora". Por trás da atitude do líder waimiri-atroari da aldeia Xeri, a 70 quilômetros da mina, está a mudança de mentalidade dos índios. Muitos deles, como o próprio Parwe, falam e lêem o português. Com isso, vem examinando a documentação da Funai e descobriram que foram lesados pela agência indígena em manobras feitas nos anos 1970.